



GERAL

SANTUÁRIOS ECOLÓGICOS (2)

# Índios desmatam parque em Nonoai

*A Justiça ainda não decidiu o destino do Parque Estadual de Nonoai, área de preservação ecológica invadida por tribos caingangues e guaranis em 1992. Já o Parque Nacional dos Aparados da Serra começa a receber investimentos, graças a um convênio firmado entre os governos estadual e federal. É o que mostra esta série de reportagens de Zero Hora sobre os paraísos ambientais do Rio Grande do Sul, que começou domingo e termina quarta-feira*

HUMBERTO TREZZI

**O** turista que procurar o Parque Estadual de Nonoai, no extremo norte do Estado, corre o risco de passar dentro da área ambiental e nem perceber. As placas que indicavam a localização da reserva foram arrancadas e substituídas por outras nas quais se lê "área indígena". A metamorfose ocorreu em 1992, quando 2 mil índios caingangues e algumas dezenas de guaranis tomaram o parque, sob o argumento de que aquela floresta originalmente lhes pertencia. A questão foi parar na Justiça Federal e, desde então, os 17.499 hectares do parque — a maior cobertura florestal do Estado — são terra de ninguém.

O Parque Estadual de Nonoai é uma rara união da floresta tropical — angicos, canelêiras, guajuviras, corticeiras, cedro — com a mata subtropical formada pela araucária (pinheiro brasileiro). Situado entre as cidades de Nonoai e Planalto, extremo norte do Estado, é terra de grandes felinos, 124 espécies de pássaros, 25 tipos de samambaias. Contorná-lo significa rodar 107 quilômetros.

O parque foi implantado na década de 40, vizinho dos 14 mil hectares da Reserva Indígena de Nonoai. No início do século, os índios eram donos das duas áreas. Embasados neste argumento, os caingangues conseguiram junto ao Tribunal de Alçada uma liminar que lhes dá o direito de ir e vir dentro do parque. Este livre trânsito é negado aos brancos — com exceção dos soldados da Patrulha Ambiental da Brigada Militar, encarregados de zelar pela floresta. O Estado tentou recorrer à Justiça para retomar a área, mas até o momento perdeu todas as batalhas jurídicas.

Os caingangues continuam habitando a sua reserva e só se deslocam de forma eventual pela área do Parque Estadual de Nonoai. Um grupo de 12 famílias guaranis se instalou no miolo do parque e lá permanece desde 1992, até por ter grandes diferenças culturais em relação aos majoritários caingangues.

Desmatamentos sempre ocorreram no Parque Estadual de Nonoai, mas as denúncias se multiplicaram desde que os indígenas ocuparam a área. Caçadores e garimpeiros também costumam explorar clandestinamente a área ambiental, rica em animais e pedras semipreciosas.

**Os índios guaranis que desmataram a área foram denunciados no Ministério Público por crime ecológico**

Há duas semanas, soldados da Brigada Militar constataram mais uma depredação. Cansado de procurar caça e disposto a fazer uma roça para o sustento da família, o guarani Rufino Santos pegou num machado e cortou quatro hectares de mata. Derrubou árvores nativas e de abate proibido. Serviço concluído, o índio colocou fogo na área desmatada, para apressar o preparo da terra. "Vou fazer uma roça de milho", justificou. O desmatamento e a queimada ocorreram no local conhecido como Passo Feio, situado no miolo do parque. Uma área que, por lei, deveria ser intocável.

As famílias guaranis foram denunciadas por crime ecológico no Ministério Público da cidade de Planalto — uma das quatro cidades que cercam o Parque Estadual de Nonoai. O representante regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Irani Cunha da Silva, diz que a entidade é contrária aos desmatamentos ocorridos. "Mas aquilo é área indígena e os índios têm de sobreviver de alguma forma", observou, defendendo a caça de subsistência por parte dos índios.

O capitão Gleí Neiss, responsável pela Patrulha Ambiental da PM que autuou os indígenas, é cético quanto aos resultados da denúncia. Os indígenas estão autorizados a caçar esporadicamente e a manter pequenas lavouras para subsistência. "Nesse caso, fica difícil reprimir os crimes", desabafa o policial.



**Conflito:** os índios guaranis só permitem a entrada dos soldados da Patrulha Ambiental



**Devastação:** corte de árvore nativa na reserva é frequente

## Guarda está impedido de entrar no parque

Natal Pazuch: tem 48 anos e viveu 20 deles dentro do Parque Estadual de Nonoai. Era um dos oito guardas encarregados de impedir sua devastação. De fiscal, passou a ser fiscalizado. Foi corrido do parque pelos índios em 1992 e desde então não pisa mais nessa área ecológica.

Natal se mudou às pressas para a cidade de Planalto, junto com a mulher, Angelina, e as três filhas. Recorda bem o dia em que foi obrigado a fugir da cabana mantida pela Secretaria de Agricultura dentro do Parque Estadual de Nonoai. "Os caingangues arrancaram as placas e me cercaram, com cassetes, facões e espingardas". O guarda recebeu 24 horas de prazo para sair. Pior sorte teve seu colega Sérgio Ari Pereira, que guarnecia outro lado do parque. Sua cabana foi incendiada pelos índios e ele quase morreu.

Natal e seus colegas continuam como funcionários do Estado, mas deixaram de ser guardas. Os revólveres foram aposentados. O aparelho de rádio-transmissão e os cinco veículos que eles utilizavam foram transferidos para outros parques. "Uma tristeza", lamenta.

VIDE VERSO